

**O MAR ODISSEICO PARA SE PENSAR A LONGA DURAÇÃO:
HOMERO, VICTOR BÉRARD E FERNAND BRAUDEL**

Lorena Lopes da Costa⁴¹

RESUMO: As primeiras décadas do século XX assistem a um progressivo retorno à *Odisseia*, com a fabricação de releituras tanto fictícias quanto de outros gêneros. Parece ser possível explorar um possível diálogo entre Victor Bérard, o tradutor da epopeia, que fabrica uma dessas releituras, e Fernand Braudel, que teria sido influenciado por ele e que fez do mar seu grande personagem. Braudel, ao mesmo tempo que enxerga no Mediterrâneo a permanência de passados distintos, reconhece que, no momento de sua observação, parte deles desaparece. Bérard também parece ter esse temor. O que motiva essa visão comum do mar?

PALAVRAS-CHAVE: *Odisseia*. Longa duração. Mediterrâneo.

**THE ODYSSEIC SEA TO THINK ON THE 'LONGUE DURÉE':
HOMER, VICTOR BÉRARD AND FERNAND BRAUDEL**

ABSTRACT: The first decades of the twentieth century show a progressive return to the *Odyssey*, with different retellings, fictional or not. It seems possible to explore a dialogue between Victor Bérard, the french translator of the epic, who gave us one of these retellings, and Fernand Braudel, who made the sea his great character. Braudel, while he sees distinct pasts remaining in the Mediterranean, he recognizes, at the time of observation, some of them disappearing. Bérard seems to have this fear as well. What motivates this common view of the sea?

KEYWORDS: *Odyssey*. 'Longue Durée'. Mediterranean Sea.

⁴¹ Graduada, Mestre e Doutoranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. sob orientação do Prof. Dr. José Antonio Dabdab Trabulsi. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. E-mail: lorenalpl@hotmail.com. Artigo submetido em 20/08/2014 e aceito para publicação em 22/12/2014.

Introdução⁴²

É possível perceber na primeira metade do século XX, o nascimento de um ambiente cultural marcado por um sentimento ambíguo, que hesita entre a afirmação da permanência e o receio da perda.

O Mediterrâneo pode ser, em grande medida, a chave para que se apreenda esse sentimento ambíguo. Objeto de estudo e personagem de autores distintos, por meio dele, será possível rastrear e evidenciar a longa duração na escrita da história, no que se destaca, obviamente, o trabalho de Fernand Braudel, bem como será possível evidenciar, de forma semelhante, a longa duração na escrita da ficção, uma vez que há um número significativo de recriações da *Odisseia* (em que o herói Odisseu é ressignificado mas continua vagando pelo Mediterrâneo em busca de voltar à pátria). Será possível ainda, por fim, perceber a confiança na longa duração, num Mediterrâneo que permanece e atravessa a história no trabalho de Victor Bérard que não produz nem história nem ficção. Arqueólogo, tradutor e comentarista francês da *Odisseia* de Homero, Bérard é um nome bastante conhecido nos círculos intelectuais da época e, certamente, participa desse ambiente cultural, influenciando-o.

Revisitado, o trabalho de Victor Bérard, revela-se, assim, determinante para formação das recriações literárias da *Odisseia* que fazem da longa duração espécie de operador para a ficção. Junto com a obra de Victor Bérard e impulsionado por ela, essas releituras odisséicas irão inaugurar exemplos diversos, por meio da ficção, de como seria a verdadeira história odisséica. Quase sempre culminando no desaparecimento da dimensão épica, essas releituras tratarão, cada qual a seu modo, de corrigir Homero.⁴³

Mas, a obra de Victor Bérard revela-se, antes disso, extremamente determinante na formação mesma desses operadores, 'longa duração' e 'permanência', que, desenvolvidos, sobretudo com a obra de Fernand Braudel, renovarão a história e farão época, com a Escola dos Annalles.

⁴² O presente artigo apresenta parcialmente as discussões da minha pesquisa de doutorado em andamento. Uma primeira versão deste texto, mais resumida, foi apresentada, apenas em forma de comunicação oral, no 8^a. Seminário Nacional de História e Historiografia, realizado Pela Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, em Mariana - MG, 2014.

⁴³ Com relação às releituras odisséicas francesas desenvolvidas durante a Grande Guerra ou nos primeiros anos que a sucedem, tem-se em mente os autores: Gabriel Audisio; Jean Giono; Giraudoux e Louis Aragon. As obras em questão são abordadas na minha pesquisa de doutorado.

A obra de Victor Bérard e a permanência⁴⁴

Ocupando de 1891 a 1901, a função de examinador para admissão na Escola Naval da França, Victor Bérard estará, ao longo de sua atuação intelectual, ligado à experiência do mar (BÉRARD, 1971)⁴⁵. Bérard constrói sua leitura de Homero, traduzindo nela uma consciência histórica datada de uma historicidade específica, ainda que o autor não tenha sido propriamente historiador (mas arqueólogo e tradutor⁴⁶, tendo ainda desempenhado estudos fronteiriços com a história e a geografia).

Em 1912, após deixar a Revista de Paris, Bérard parte, acompanhado de seu amigo suíço, o fotógrafo profissional Frédéric Boissonas, em busca de refazer a viagem narrada na *Odisseia*. Dessa empresa, o resultado, muitos anos depois, sem que o próprio autor tenha tido tempo de conhecer, será o livro *Dans le Sillage d'Ulysse, Album Odysseén: photographies por Frédéric Boissonas* (*Na esteira de Odisseu, álbum odisseico: fotografias por Frédéric Boissonas*).

O álbum, aos olhos de Victor Bérard, seria a ilustração e o complemento necessário às suas teorias; seria o testemunho fotográfico delas, sobretudo daquelas desenvolvidas nos quatro volumes de *Les Navigations d'Ulysse (As Navegações de Odisseu)*, cujos tomos foram publicados entre 1927 e 1929. O álbum, composto por cerca de cinquenta fotografias, acompanhadas de títulos, breves comentários e, por vezes, ao invés dos comentários, citações da própria *Odisseia*, leva ao leitor as imagens que, segundo o autor, seriam elas mesmas as imagens vistas por Odisseu, concernentes ao reino das ilhas, das quais se destacam enquanto subdivisões: Ítaca; os locais percorridos por Telêmaco em sua viagem em busca do pai; a morada de Calipso; o reino de Alcínoo na Esquéria; as ilhas dos Lotófagos, dos Ciclopes, de Éolo, dos Lestrigões, de Circe e até mesmo das Sereias, além do País dos Mortos - todos eles visitados por Odisseu.

No limite do supremo realismo, Victor Bérard assevera com a ideia do álbum, sua hipótese maior, a qual se desenvolve desde 1894, quando da defesa de sua tese *Sur l'Origine*

⁴⁴ As traduções aqui apresentadas têm a intenção apenas de deixar o texto claro para o leitor interessado no tema, que, no entanto, ainda não se sinta à vontade com a língua em que os textos foram originalmente escritos. Os títulos das obras em questão, porém, serão apresentados no texto primeiramente na língua em que foram escritos e uma possível tradução para o português será apresentada entre parênteses - toma-se essa decisão em função da maioria das obras citadas não terem sido traduzidas para o português e, portanto, não poderem ser buscadas pelo título tal como sugeriria a tradução. Ainda em relação às traduções, para deixar o texto mais organizado, adotar-se-á o nome *Odisseu*, ao invés de *Ulisses*, quando no francês aparecer *Ulysse*.

⁴⁵ Segundo o prefácio de seu filho, Armand Bérard.

⁴⁶ Vale lembrar que a tradução de Victor Bérard para a *Odisseia* data de 1924 e até hoje mantém-se a tradução canônica francesa, uma vez que segue sendo a tradução adotada durante todo esse tempo pela edição Les Belles Lettres.

des Cultes Arcadiens (Sobre a origem dos Cultos Arcadianos), sendo ela, claramente, retomada em sua obra de 1903, *Les Phéniciens et l'Odyssee (Os fenícios e a Odisseia)* e em todas que se seguem a partir desta. Tal hipótese pode ser assim resumida: a *Odisseia*, na leitura de Bérard, não seria uma simples reunião de contos, mas um documento geográfico, uma pintura poética mas não deformada do Mediterrâneo fenício, tal como conhecido e explorado pelos fenícios à época de Homero (BÉRARD, 1927).

Do périplo, em que parte do trajeto foi vencida por Bérard e Boissonas com um pequeno veleiro, bem menor do que eram as galeras antigas, movidas a remo, além do álbum, nasce também a obra, já citada, *Les Navigations d'Ulysse*, cujo objetivo é não apenas comentar detidamente o périplo, mas expor a ideia maior que o endossa. Os anos seguintes à viagem com o fotógrafo Boissonas, que marcam a chegada e o desenrolar da Primeira Guerra, são também o momento em que Victor Bérard elabora a topologia odisséica e seus princípios de geografia histórica.

Se o *Album Odisséico e As Navegações... (Les Navigations d'Ulysse)* fazem por associar de forma aguda a *Odisseia* e a geografia coeva do Mediterrâneo, eles também deixam ainda mais claro, que a tese trabalhada por Victor Bérard nessas duas obras se desenvolve, na verdade, desde o princípio de sua atividade intelectual. O autor, n'*As Navegações*, diz serem elas a continuação, tanto histórica quanto geográfica da obra *Les Phéniciens et l'Odyssee*, e serem, ainda, especialmente, seu comentário ao texto da *Odisseia: elas repousam sobre esse texto, tal como eu estabeleci e traduzi na minha Odisseia* (BÉRARD, 1971, p.10)⁴⁷.

Victor Bérard identifica, na realidade do Mediterrâneo que visita, a *Odisseia* que traduz. O autor lança mão da geografia, confiando numa espécie de longa duração, para formular seu próprio argumento e, com ele, participar da discussão tradicional em torno da recepção homérica de onde se localizam os sítios e trajetos que compõem a epopeia odisséica, adentrando, destarte, um território também tradicionalmente dividido entre história e ficção.

Victor Bérard busca, visita e vê os caminhos e lugares por onde Odisseu passou em seu *nóstos* quase infindável. A *Odisseia*, para Victor Bérard, é, sobretudo, plena de espaço. E seu espaço é acessível mesmo milênios depois de ter sido percorrido por Odisseu. O Mediterrâneo em Bérard é um caso de permanência e ele o é em um momento historiográfico para o qual as concepções de permanência e de longa duração serão decisivos.

Sobre *As Navegações...*, o ensaísta e crítico literário, Albert Thibaudet, registra:

⁴⁷ Originalmente: *elles reposent sur ce texte, tel que je l'ai établi et traduit en mon Odyssee.*

No princípio da literatura do Ocidente, teria havido (com a *Odisseia*), essa mesma que Bérard sentiu em si fermentar e que se transforma numa das facetas de sua vida intelectual: a da imaginação geográfica. Homero, como disse Estrabão, teria tido em mãos os périplos dos navegadores fenícios e a Grécia teria dado vida ao relatório frio do homem semita que vivia no mar, transformando os recifes em monstros, os vulcões em ciclopes, as ilhas em ninfas e o mercador de Sidon em Odisseu eterno. Isso que a imaginação geográfica de Homero teria feito pelo périplo fenício, a imaginação geográfica de Bérard, guiada pelo sentido dos lugares e da ciência de *doublets* (greco-semíticos), iria fazer pela *Odisseia*, mas em sentido oposto, reencontrando na *Odisseia* o périplo fenício, depois associando o périplo da *Odisseia* com um Mediterrâneo eterno: após o Mediterrâneo antigo, o veneziano, o grego ou o inglês, esse em que a *Odisseia* permanece como o poema inalterado, subtraído do tempo não somente pela beleza, mas pela permanência do cenário marítimo, a transparência e a certeza de sua geografia. (Thibautet, 1971, p.XVI-XVII)⁴⁸

Dessa mesma eternidade, permanência, imutabilidade do Mediterrâneo, que, a partir de 1912 (data da viagem de Bérard com Boissonas) será posta em questão, trata novamente o filho de Victor Bérard. É, precisamente, por acreditar que o Mediterrâneo não muda, que o autor poderá concluir seu périplo com sucesso, deparando-se com variados elementos citados na *Odisseia*.

Nesse Mediterrâneo em que nada muda, Bérard pôde encontrar intactos os sítios e as paisagens que deram todo o sentido às descrições do Poeta: tal como elas apareceram ao Laertíde, enquanto ele explorava as passagens do Mar do Oeste, as quais, três mil anos mais tarde, se pode ainda ver no começo do século. (ARMAND BÉRARD, 1973, p.4)⁴⁹

Victor Bérard, em *La Résurrection d'Homère (A ressurreição de Homero)*, em referência aos tomos de *As Navegações...*, diz ter tratado da geografia e da história dos aqueus, da aparição de Odisseu nas águas do Levante, de sua descida e sua aparição na Grécia, de seus reinos e principados na Tessália, do Peloponeso, das ilhas, de sua vida material sobre a

⁴⁸ Originalmente: *Au commencement de la littérature d'Occident il y avait eu (avec l'Odyssee), cela même dont Bérard éprouvait en lui la fermentation et qui devint une des formes de sa vie intellectuelle: de l'imagination géographique. Homère, comme le dit Strabon, avait tenu en main des périples de navigateurs phéniciens et le Grec avait animé le sec rapport du marin sémite en transformant les écueils en monstres, les volcans en cyclopes, les îles en nymphes et le marchand de Sidon en l'Ulysse éternel. Ce que l'imagination géographique d'Homère avait fait pour le périphe phénicien, l'imagination géographique de Bérard, guidée par le sens des sites et la science des doublets (grec-sémitiques), allait faire pour l'Odyssee, mais en sens inverse, c'est-à-dire en retrouvant dans l'Odyssee le périphe phénicien, puis en associant le périphe et l'Odyssee en une Méditerranée éternelle: après la Méditerranée antique, la vénitienne, la grecque ou l'anglaise, celle dont l'Odyssee reste le poème inchangé, soustrait à la durée non seulement par sa beauté, mais pas la permanence de son cadre marin, la transparence et sûreté de sa géographie.* A citação se encontra no prefácio do livro, feito pelo filho de Victor Bérard.

⁴⁹ Originalmente: *Dans cette Méditerranée où rien ne change, il peut retrouver intacts les sites et les paysages qui rendaient tout leur sens aux descriptions du Poète: tels qu'ils avaient dû apparaître au fils de Laerte, lorsqu'il explorait les passes de la Mer du Couchant, tels, trois mille ans plus tard, on pouvait encore les voir au début de ce siècle.* Também conforme o prefácio de seu filho, Armand Bérard.

terra e sobre o mar, suas moradas, suas frotas, suas viagens, travessias e aventuras, tanto na costa civilizada do Levante, quanto no mar de maravilhas e de monstros a oeste de Ítaca. Diz o autor: *passo a passo, eu segui o filho de Laerte* (BÉRARD, 1930, p.11)⁵⁰.

Não apenas *As Navegações*, portanto, mas sua obra como um todo deixa explícita a tese que a estrutura: *as aventuras de Odisseu não contêm descrições imaginárias, nem mesmo em cada uma de suas paisagens, detalhes puramente fantasiosos* (BÉRARD, 1930, p.153)⁵¹.

A obra de Victor Bérard, enfim, toma o cenário odisséico enquanto verdade incontestável, de tal maneira que se pode acrescentar a cada um dos lugares pelos quais passa Odisseu, e também pelos quais passa Telêmaco, as fotografias de Boissonas. Mesmo o maravilhoso apresenta-se em lugares reais, a espera de serem apenas redescobertos. As narrativas na Esquéria, a terra dos feácios, por exemplo, *nos rendem, no fim das contas, uma galeria de quadros geográficos, e não, - a expressão é ainda de Estrabon - um museu de monstruosidades* (BÉRARD, 1930, p.154)⁵².

Em Victor Bérard, o maravilhoso, o monstruoso, o gigantesco odisséico surgem para personificar as singularidades do Mediterrâneo, que se apresentam ao viajante. O vulcão se personifica em Ciclope, mas não só a natureza em atividade declarada é vivificada. Bérard afirma encontrar por toda a epopeia essa força vivificante, que dá movimento às coisas e sentimento até mesmo às pedras. É o caso da rocha próxima à ilha da atual Corfu, que, em Homero, para Bérard, é a galera castigada por Posêidon por ajudar Odisseu a concluir seu retorno.

Desde sempre, existe ao Norte de Corfu esse navio de pedra que valeu à grande ilha seu nome primitivo de Navio Negro, Kerkyra, Esquéria; o Poeta nos cita o nome da Esquéria antes da petrificação do navio feácio. Mas antes dessa rocha imóvel, enraizada, existiu algo animado, com movimento - porque os navios para Bérard são quase seres - depois enraizado e petrificado pela mão poderosa do deus do mar. (BÉRARD, 1930, p.169).⁵³

Na epopeia, Ítaca é a última das ilhas do oeste, bem como o canal que liga a Samé des Roches é o último passo para se adentrar o mar fabuloso, habitado por monstros e seres

⁵⁰ Originalmente: *étape par étape, j'ai suivi le fils de Laerte.*

⁵¹ Originalmente: *Les aventures d'Ulysse ne contiennent pas de descriptions imaginaires, ni même dans chacun de leur paysage, de détail purement fantasiste.*

⁵² Originalmente: *(...) nous rendent, en fin de compte, une galerie de tableaux géographiques, et non pas, - le mot est encore de Strabon - un musée de teratologies.*

⁵³ Originalmente: *De tout temps, existait au Nord de Corfu ce vaisseau de pierre qui valut à la grande île son nom primitif de Croiseur Noir, Kerkyra, Schérie; le Poète nous cite le nom de Schérie avant la pétrification du vaisseau phéacien. Mais de cette Roche immobile, enracinée, il fait d'abord, par son procédé habituel, un être vivant, marchant - car les vaisseaux pour lui sont presque des êtres - puis il l'enracine et le pétrifie sous la main toute puissante du dieu de la mer.*

maravilhosos. A leitura da *Odisseia* pelo autor, assim, mostra um mundo partido em duas partes, sobre cujo limite incide sobre Ítaca. A leste e ao sul de Ítaca, do lado em que o sol se levanta, dá-se o início do percurso de Odisseu, e acompanhando as seis ou oito primeiras horas do céu luminoso e quente, abrem-se as terras e os mares civilizados, que povoam ou frequentam, respectivamente, as tribos e as froas dos aqueus. A oeste e ao norte de Ítaca, porém, os mares selvagens e as terras selvagens penetram a sombra do entardecer e as trevas da noite: *exatamente Odisseu de Ítaca foi levado pela tempestade para os horrores e as maravilhas dessa obscura metade do mundo* (BÉRARD, 1971, p.72)⁵⁴.

Os feácios na obra de Bérard: um exemplo da abordagem histórico-geográfica

Em 1941, Jean Bérard publica a obra *La colonisation grecque de l'Italie Meridionale et de la Sicile dans l'Antiquité: l'Histoire et la Légende* (*A colonização grega da Itália Meridional e da Sicília na Antiguidade: a história e a lenda*). Dedicada à memória de seu pai, Victor Bérard, Jean a par das novas descobertas arqueológicas endossa o trabalho feito pelo pai n'*As Navegações*.

Jean Bérard, na primeira parte de seu trabalho diz que, somente após tentar reconstituir a colonização histórica da Magna Grécia e da Sicília, seria possível abordar de *forma útil* o estudo da fábula homérica. Assim sendo, a segunda parte de sua obra dedica-se ao estudo da tradição odisseica. Em referência ao trabalho do pai, o arqueólogo afirma que as descrições dos lugares dos diferentes episódios narrados na corte dos feácios (em que Odisseu, para dizer quem é e de onde vem, irá narrar algumas de suas aventuras durante os dez anos em que errou pelo mar tentando regressar a sua Ítaca), conforme o trabalho de *As Navegações* e do álbum fotográfico, correspondiam, em larga medida, ao estado contemporâneo dos lugares.

As longas viagens de Odisseu pelo mar - os ocidentais conduziram o herói da resistência pelo mar da Líbia, à atual Djerba, terra dos Lotófagos, e até ao distante estreito de Gibraltar, na gruta de Calipso, para o levar enfim ao limiar dos mares aqueus em Corfu, na ilha dos feácios, de onde os remadores do bom rei Alcínoo o transportam de volta à Ítaca natal. Mas a cena de suas outras aventuras deve ser buscadas pelas costas italianas. (JEAN BÉRARD, 1941, p.324).⁵⁵

⁵⁴ Originalmente: *le seul Ulysse d'Ithaque a été entraîné par la tempête dans les horreurs et les charmes de cette obscure moitié de l'univers.*

⁵⁵ Originalmente: *Les longs voyages d'Ulysse dans les mers - occidentales conduisent le héros d'endurance dans la mer de Libye, à l'actuelle Djerba, chez les Lotophages, et jusqu'au lointain détroit de*

Jean Bérard ratifica, assim, o trabalho do pai por meio das associações entre lugares visitados por Odisseu e paisagens da costa italiana: a terra dos Lestrigões com a parte setentrional da Sardenha; a ilha de Circe com o Monte Circeo; o País dos Mortos com o Golfo de Nápoles; a terra dos Ciclopes com os Campos Phlégreens; a Hipéria (antiga morada dos feácios) com a falésia de Cumes; a morada das Sereias com as rochas da Galli du Sud; a ilha de Éolo com Stromboli; Caríbides e Sila com estreito de Messina e a ilha do Sol com a Sicília.

Todavia, o arqueólogo filho não deixa de acrescentar que se, por um lado, as descrições dos diferentes episódios odisséicos são quase sempre de uma minuciosa e assustadora verdade, os episódios narrados na corte de Alcínoo contém algumas inexatidões. Para ele, tais episódios não poderiam ser encontrados de maneira evidente nem comprovados de maneira inquestionável, em função dos detalhes dos poemas serem imprecisos. Ainda assim, a hipótese de uma coincidência fortuita entre os detalhes dos episódios e as características dos lugares que se acredita serem os referentes se apresenta muito menos concebível.

Para o arqueólogo pai, no entanto, as possibilidades de comprovar a exatidão entre os relatos de Odisseu e a geografia mediterrânica são vastas. Se há alguma incoerência, ou deslize, isso se dá não pelo que falta de realidade no relato, mas pelo que falta de conhecimento por parte do poeta sobre a realidade geográfica.

Conforme às orientações do poeta, os arqueólogos e exploradores buscaram incansavelmente na costa de Corfou, a vila dos feácios. Bérard encontra na ilha, três ou quatro lugares que se mostram afins às descrições odisséicas. Schiliemann, por exemplo, reconheceu o rio de Nausícaa e mesmo as pedras em que se lavava as roupas da corte de Alcínoo. *Mas onde estão as cascatas e os redemoinhos, as rochas e o vale fechado, a floresta bem próxima, e a enseada abrigada do vento?* (BÉRARD, 1971, p.39)⁵⁶, pergunta-se Bérard, ainda insatisfeito.

Do tempo das suas viagens, Bérard se dedica a investigar onde teriam vivido os feácios em abril e maio de 1901 e em setembro e outubro de 1912. E conclui: do frontão oriental, os navegadores do canal não poderiam perceber nem as falésias abruptas nem os desfiladeiros. Mas sobre o grande mar do oeste, ao contrário, o outro frontão descende

Gibraltar, chez Calypso, pour le ramener enfin jusqu'au seuil des mers achéens à Corfou, dans l'île des Phéaciens, d'où les rameurs du bon roi Alcinoos vont le déposer dans son Ithaque natale. Mais la scène de ses autres aventures doit être cherchée dans les parages des côtes italiennes.

⁵⁶ Originalmente: *Mais où sont les cascades et les tourbillons, les rochers et le vallon clos, la forêt toute proche, et l'anse abritée du vent?*

bruscamente. *Toda a fachada da ilha sobre esse Mar Selvagem é feita de muralha igualmente íngreme. Nós reencontramos a paisagem odisseica* (BÉRARD, 1971, p.39.)⁵⁷.

Victor Bérard entende que o erro até então dos arqueólogos e exploradores teria sido considerar as descrições odisseicas do ponto de vista de quem está em terra. Bérard estuda assim os episódios a partir da visão das gentes do mar e dos erros que lhe são próprios. A diferença é grande se se considera a vista da costa, tal qual fornecem as instruções náuticas e as cartas marinhas e a vista da terra da forma como reproduz o geógrafo. O poeta da *Odisseia* dá aos olhos do leitor sempre a vista da costa e não da terra. *É para o mar e os hábitos dos navegadores que é preciso se voltar para perceber, por trás do maravilhoso das aventuras, a vida real que dá vida a elas* (BÉRARD, 1971, p.482)⁵⁸. Tendo o poeta composto a partir das descrições de navegadores fenícios, ele teria respeitado a ordem do périplo, no sentido de descrever os lugares em que se dão os episódios a partir das descrições que os navegadores, sua fonte, poderiam ver a partir do mar.

A identificação da Esquéria, a terra dos feácios, com Corfou, aliás, fortalece ainda mais sua tese da origem fenícia dos poemas, uma vez que os povos helênicos não frequentavam muito a região, embora a conhecessem, já que, no relato, essa terra distinta não aparece senão sob a bruma do longínquo. Para Victor Bérard, a descrição da Esquéria apresenta duas imprecisões: a Esquéria verdadeira é um cantão de uma ilha e não de uma terra, tal como aparece descrita por Homero e a rocha em que se transforma o navio que levava Odisseu à Ítaca, embora descrita pelos feácios, é invisível para quem está na vila de Alcínoo. Os deslizos são deslizos por desconhecimento, pois *o poeta não inventa nada* (BÉRARD, 1971, p.87)⁵⁹. O poeta, segundo Bérard:

(...) organiza e dispõe à moda grega, seja pela vida antropomorfa que ele atribui aos objetos inanimados, seja pela ordem racional e estética que ele introduz entre os diversos elementos. De uma série de paisagens, ele faz um quadro. Esse quadro é ainda uma cópia exata da natureza. Mas ele é misturado: há partes na sombra e outras na luz. (BÉRARD, 1971, p.87)⁶⁰

⁵⁷ Originalmente: *Toute la façade de l'île sur cette Mer Sauvage est muraille pareillement escarpée. Nous retrouvons le paysage odyséen.*

⁵⁸ Originalmente: *C'est vers la mer et les habitudes de marins qu'il faut nous tourner pour apercevoir, sous le merveilleux des aventures, la vie réelle qui leur donna naissance.*

⁵⁹ Originalmente: *le poète n'invente rien.*

⁶⁰ Originalmente: *(...) il arrange et dispose à la mode hellénique, soit par la vie anthropomorphique qu'il prête aux objets inanimés, soit par l'ordre rationnel et esthétique qu'il introduit entre les divers éléments. D'une série de vues, il fait un tableau. Ce tableau est encore une exacte copie de la nature. Mais il est composé: il y a des parties dans l'ombre et d'autres en pleine lumière.*

Mesmo o elemento maravilhoso é selecionado por Bérard. Enquanto para outros arqueólogos, como Othon Riemann citado por Bérard, esse elemento seria um empecilho para associar os feácios aos habitantes de Corfou, para Bérard, a ausência de um timoneiro, a autonomia dos barcos feácios, sua velocidade seriam conteúdos originários de interpolações e, portanto, passíveis de serem excluídos do relato primitivo de Homero.

Os feácios teriam se estabelecido na costa bárbara de Corfou, continuando aí o hábito de viver do mar. A Esquéria teria sido, portanto, fundada por povos pré-helênicos, falantes de um língua semítica, donde a diferença de seus hábitos em relação aos aqueus. Na época do poeta, os feácios seriam detentores, provavelmente, do comércio do cobre, do âmbar e do estanho, materiais preciosos fornecidos pelo extremo mar do oeste. Da navegação e do comércio, eles fariam a fama de bons remadores, não se abstendo também de transportar passageiros estrangeiros, interessados em cruzar o mar. O povo feácio, assim, para Bérard, tem sua história e suas características bem narradas pelo poeta. E, de algum modo, portanto, como Ítaca, a Esquéria também se configura enquanto limite para Bérard.

Ele é o intermediário entre o mundo aqueu que termina no canal de Ítaca e os territórios misteriosos do poente que se dissipam no além, entre a humanidade 'comedora de pão' e a selvageria dos antropófagos que habitam o outro lado do estreito adriático. De Ítaca, seguindo pelos territórios já bárbaros da Tesprócia, pode-se ainda chegar a sua 'terra', diz o poeta que não conhece a ilha dos feácios. Mais além, o grande mar se abre; para alcançar a terra misteriosa que, nos dias claros, aparece sobre outro rio do estreito, é preciso enfrentar o Mar Selvagem, o mar nebuloso, o grande abismo onde o vento Bóreas se enfurece (...). (BÉRARD, 1971, p.68)⁶¹

Victor Bérard diz, de forma clara, acreditar ter reunido, nos quatro volumes de *As Navegações...*, todos os documentos históricos e geográficos capazes de esclarecerem as narrativas das viagens de Odisseu nos mínimos detalhes. E após tê-los examinado, bem como após ter examinado cada uma das narrativas, incluindo aquela concernente à Esquéria, Bérard é convicto em não haver na *Odisseia* nenhuma descrição imaginária, nenhum detalhe fantasioso em qualquer das suas paisagens.

⁶¹ Originalmente: *Il est l'intermédiaire entre le monde achéen, qui s'arrête au canal d'Ithaque, et les contrées mystérieuses du Couchant qui s'enfoncent au delà, entre l'humanité 'mangeuse de pain' et la sauvagerie des anthropophages, qui habitent de l'autre côte du détroit adriatique. D'Ithaque, en suivant les côtes déjà barbares de la Thesprotie, on peut encore arriver jusqu'à leur 'terre', dit le poète qui ne connaît pas l'île des Phéaciens. Mais au delà, la grande mer s'ouvre; pour atteindre la terre mystérieuse, qui, par les claires journées, apparaît sur l'autre rive du détroit, il faut affronter la Mer Sauvage, la mer nébuleuse, le grand abîme où le Bora fait rage (...).*

Bérard, Braudel e a longa duração

Motivada, intelectual e possivelmente politicamente, a obra de Bérard faz por se opor à visão ocidental e ocidentalizante da Grécia Antiga, marcada, no começo do século XX, pelo antissemitismo. Para o autor, o estudo da civilização e da literatura gregas requereriam a atenção às suas raízes orientais, em particular, fenícias. A grande ideia do autor é que o texto de Homero seria um trabalho de reunião e transcrição de viagens pelo Mediterrâneo protagonizadas pelos fenícios, povos marinhos por excelência.

Fato é que, em prol de sua convicção nas raízes semíticas da *Odisseia*, Victor Bérard em seu esforço interpretativo da epopeia faz por confrontar o real, encontrado por ele em suas navegações pelo Mediterrâneo, a um texto que, para ele, inquestionavelmente representa tal realidade. A empresa de Bérard, dessa forma entendida, não tem a característica de uma fusão entre realidade e ficção, mas, é sim: *uma tentativa de apagar essa tela dupla histórica e mimética, de deixar seu objeto presente no duplo sentido de não passado e não representado* (RABAU, 2003)⁶².

De fato, Bérard revela com sua obra o peso do modelo dominante das ciências da Antiguidade desde meados do século XIX, qual seja, o modelo arqueológico. Sua interpretação não é desprovida de certo positivismo, e, ao mesmo tempo, o que nela indicia seu caráter positivista serve também para fragilizá-lo. Victor Bérard dialoga também com os antropólogos e cientistas sociais, na medida em que entende que a experiência da realidade não é forçosamente uma experiência que exclui o maravilhoso e que o aprendizado do mar e seus caminhos é bem o aprendizado de uma natureza em que habitam monstros e seres desconhecidos.

O maravilhoso, na leitura do autor, é ora resultado de interpolações tardias e ora informação mascarada sobre a realidade física do Mediterrâneo. O texto de Homero faz a cópia precisa de uma realidade, no tempo de Bérard e tal como ele acreditou, ainda acessível. Victor Bérard entende que Homero só utiliza o maravilhoso uma vez que ele não pôde observar, por si próprio, a realidade do Mediterrâneo que descreve (RABAU, 2003). Bérard sai em busca, portanto, desse desconhecido de Homero, que é narrado pelo poeta através dos elementos maravilhosos. Esse Mediterrâneo, apesar dos quase três mil anos que separam a

⁶² Originalmente: *une tentative d'effacer ce double écran historique et mimétique; de rendre son objet présent au double sens de non passé et de non représenté*. Conforme à conferência "Contributions à l'étude du complexe de Victor Bérard: sur une lecture référentielle de l'Odyssee", de Sophie Rabau, pronunciada em 2003 e disponível em: www.fabula.org. Acesso em: 27 e 28 de junho, 2013. (O texto não é paginado.)

Odisseia de Homero do *Álbum Odisseico* de Victor Bérard, é, portanto, a refutação da perda ou do desaparecimento de seus elementos com o tempo.

O passado desse Mediterrâneo de Bérard é um passado que não se ausenta. Ele é, na verdade, permanência no tempo, é presente e, por isso, dá-se a conhecer. Nesse sentido, Bérard é a antítese do historiador romântico, que sofre a perda do passado e é, ainda, distinto do positivista, que só enxerga e só se esforça por enxergar o passado, querendo protegê-lo, a todo preço, das interferências do presente (por mais que do positivista, o autor carregue alguns traços, em especial, no que diz respeito à primazia da evidência concreta).

Bérard está face a face com o passado no presente, porque o passado não cessa de existir no presente. Então, em Bérard, tal abordagem repousa primeiramente sobre uma concepção do Mediterrâneo como espaço de permanência e de repetição (RABAU, 2003).

Essa concepção de espaço mediterrânico como espaço de conservação, de permanência, de um mundo que, permanecendo, atravessa a história evoca irresistivelmente o trabalho de Braudel.

O fato de começar a análise de *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (*O Mediterraneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*), cuja publicação data de 1949, pelo meio geográfico é uma consequência direta de quão privilegiadas são as histórias mil vezes repetidas para Braudel (POMIAN, 1984). Pois cada meio é um conjunto de problemas e desafios aos quais os homens precisam atender e que são, nesse sentido, atendidos ou até resolvidos, sem que, necessariamente, alcance-se um equilíbrio estável.

É verdade que nem só desse tempo quase imóvel se faz a história para Braudel - e uma das evidências é a divisão mesma de *La Méditerranée et le monde méditerranéen...* Se a história estrutural privilegia esse tempo quase imóvel, da longa duração, que é perceptível sobretudo pela relação do homem com o espaço, com a geografia, há também o ritmo das conjunturas e ainda o ritmo dos eventos. Por um lado, as mudanças, por outro, a permanência; interessa a Braudel, portanto, pensar como se dá essa relação, entre os ritmos simultâneos e distintos da história.

Mas se o evento é lembrado por Braudel (aliás o terceiro tomo da obra será todo dedicado a ele), em *La Méditerranée et le monde méditerranéen...*, a história teria encontrado o espaço, priorizando, certamente, a longa duração (REIS, 2008). Pois é o espaço, a geografia que permitem a Braudel buscar uma unidade para esse mundo tão heterogêneo que é o

Mediterrâneo e que é heterogêneo desde tempos muito recuados. Em outras palavras, a unidade em Braudel é garantida, em primeiro lugar, pela espaço.

Sobretudo em relação ao primeiro livro da obra, ao pensar a história do homem mediterrânico com o meio que o cerca, o autor põe em cena uma história lenta, repleta de retornos, histórias mil vezes repetidas, ciclos sempre reiniciados: uma história quase imóvel, quase fora do tempo. Nesse encontro entre espaço e tempo, Braudel revela uma história desacelerada, que revela valores permanentes. Atento às constâncias, às permanências, às cifras comuns e estáveis, às repetições, às bases da vida mediterrânica, Braudel vê na geografia a chave para o entendimento. Sem recair no determinismo geográfico, Braudel, enfim, não imputa ao espaço o poder de fazer a história. São os homens que inventam o espaço (REIS, 2008).

A descoberta de Braudel, sob o patronato de Lucien Febvre, é, então, a de uma história estrutural quase imóvel, que tem como personagem principal o mar Mediterrâneo. *O ideal seria sem dúvida, como os escritores, representar a personagem segundo nossa conveniência, nunca o perder de vista, lembrar sem parar sua grande presença* (BRAUDEL, 1985, p.)⁶³. O mar é a personagem da história que Braudel investiga: o mar, essa vasta presença.

Braudel reconhece o desafio. O mar escapa às medidas e às categorias do historiador, diferente do que acontece com o oceanógrafo, o geólogo, o geógrafo. Ademais, o Mediterrâneo não é um mar, mas um complexo de mares, de ilhas, penínsulas, rodeados de costas ramificadas. Ele é mar estando muito ligado à terra, é o mar das oliveiras, das videiras, tanto quanto dos estreitos barcos a remo ou mesmo dos navios pesados de comerciantes.

No prefácio do livro em sua primeira edição, de 1949, Braudel se pergunta: seria possível escrever a história de um mar? Uma história que compreenda a sua vastidão e sua vida movimentada, mas, sobretudo, que pense sua forma e seu lento trafegar. No prefácio à segunda edição, de 1963, o autor torna o primeiro ainda mais instigante. No texto de 63, Braudel ressalta a rapidez das mudanças, opondo-a à obra ou, ao menos, à primeira parte dela.

Sob o peso crescente de nosso conhecimento, sob a pressão das ciências humanas, nossos vizinhos, os livros de história envelhecem, hoje em dia, muito mais rápido do que antes. Um instante passa e seu vocabulário já se

⁶³ Originalmente: *L'idéal serait sans doute, comme les romanciers, de camper le personnage à notre gré, de ne jamais le perdre de vue, de rappeler sans cesse sa grande présence.*

torna velho; o que era sua novidade se torna comum; e dela mesma a explicação adquirida é posta em causa. (BRAUDEL, 1985, p.16).⁶⁴

Neste mesmo segundo prefácio, Braudel diz não datar de 1949 sua obra mestra, ano de sua publicação, nem mesmo de 1947, ano em que ela era defendida como tese na Sorbonne. Ele diz tê-la fixado em suas grandes linhas, senão a escrito inteiramente, a partir de 1939, com o termo da primeira juventude dos *Annales* de Marc Bloch e Lucien Febvre, de quem ele é herdeiro direto. Mas é curioso notar que no prefácio à primeira edição, é o ano de 1923 que aparece como marco da obra, quando ele empreende a pesquisa sobre a política mediterrânica de Felipe II.

Fazendo a arqueologia da obra assim, é preciso, sobremaneira, considerar seus primeiros passos e perceber que eles não parecem estar distantes da obra de Victor Bérard. Aliás, na obra de Braudel, o nome de Bérard irá aparecer sob o tom de grande admiração. Em *La Méditerranée: l'Espace et l'Histoire (O Mediterrâneo o Espaço e a História)*, coletânea de textos publicada pela primeira vez em 1977, Braudel se entusiasma com o admirável Victor Bérard e sua "fenicomania"!

Também em *La Méditerranée: l'Espace et l'Histoire*, Braudel desenvolve a ideia de uma história, dessa vez não quase fora do tempo, mas apenas fora do tempo. Agora, o que está fora do tempo, para Braudel, são os homens: *a observá-los [todos os elementos que compõem o Mediterrâneo] nós somos fora do tempo* (BRAUDEL, 1985, p. 7)⁶⁵. O mar Mediterrâneo continua aí, décadas depois, a ser, mais que qualquer outro universo frequentado pelos homens, a prova de que ele próprio não cessa de se recontar, de reviver a si mesmo, em suas incontáveis paisagens, em sua sucessão de mares, *ao lado do barco do pescador, que é ainda o de Odisseu, a traineira que devasta o fundo do mar ou os enormes petroleiros* (BRAUDEL, 1985, p. 8)⁶⁶. O Mediterrâneo continua sendo, assim, para Braudel uma bela ocasião para e uma outra maneira de se abordar a história, por ser ela própria sua viva testemunha. Mas, aí, bem mais que em *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, a longa duração, em sua vasta presença, está ameaçada.

⁶⁴ Originalmente: *Sous le poids accru de nos connaissances sous la poussée des sciences humaines, nos voisines, les livres de histoire vieillissent, aujourd'hui, bien plus vite qu'hier. Un instant passe, et leur vocabulaire a déjà pris de l'âge; ce qui était leur nouveauté rejoint la vulgate; et d'elle même l'explication acquise se remet en cause.*

⁶⁵ Originalmente: *à les regarder [todos os elementos que compõem o Mediterrâneo] nous sommes hors du temps.*

⁶⁶ Originalmente: *à côté de la barque du pêcheur, qui est encore celle d'Ulysse, le chalutier dévastateur des fonds marins ou les énormes pétroliers.*

Sobre as colinas e a terra que são envolvidas pelo Mediterrâneo e que o envolvem também podem ser reencontradas as imagens preservadas do passado, as ferramentas, patoás, vestimentas, superstições. É no espaço banhado pelo Mediterrâneo que residem as construções antigas, os resquícios, fixados como passado no mesmo espaço em que outras heranças também de tempos idos cedem às técnicas modernas.

Braudel, ao mesmo tempo que enxerga no Mediterrâneo a permanência de passados distintos, reconhece que, no momento de sua observação, parte deles desaparece. A vida arcaica, tradicional, dura, difícil, tal qual ele adjetiva, é ceifada pela urgência da modernidade. Os povos mediterrânicos têm no modo de vida que abandonam a expressão maior da permanência. É o último suspiro da permanência, da história quase imóvel do Mediterrâneo?

O espaço agrícola de outrora se modifica, os métodos agrícolas seculares são substituídos por outros mais eficazes; a transumância, a migração sazonal multissecular se extingue também, eclipsada em volume pelos transportes por caminhões e trens. *Amanhã, sem dúvida, isso não será mais possível* (BRAUDEL, 1985, p. 34)⁶⁷, diz um Braudel preocupado com a aceleração do tempo.

Conclusão

As fotos do *Álbum Odisseico* de Victor Bérard (especialmente, por ter sido lançado cerca de 20 anos após a viagem que lhe deu origem) e a hipótese que o explica, em função de uma mescla entre a fatalidade da Grande Guerra, o desenvolvimento do Mediterrâneo e o desenvolvimento de uma consciência histórica atenta à permanência e à duração, dão um testemunho que parece residir no limite temporal de sua possibilidade de existir:

O mediterrâneo, desde 1912, talvez tenha mudado mais que durante os dois milênios anteriores. Os lugares como aquele de Calypso são, hoje em dia, irreconhecíveis. Outros foram profundamente modificados pelas estradas e pelas construções. As fotografias dos últimos sessenta anos constituem uma documentação insubstituível. (ARMAND BÉRARD, 1973, p. 4).⁶⁸

Tanto Victor Bérard quanto Fernand Braudel parecem, de alguma maneira, despedirem-se desse Mediterrâneo, rendendo-lhe a homenagem da permanência.

⁶⁷ Originalmente: *Demain, la chose ne sera sans doute plus possible.*

⁶⁸ Originalmente: *La Méditerranée, depuis 1912, a peut-être plus changé que durant les deux précédents millénaires. Des sites comme celui de Calypso sont aujourd'hui méconnaissables. D'autres ont été profondément modifiés par les routes et par les constructions. Les photographies d'il y a soixante ans constituent une documentation irremplaçable.* Segundo o prefácio de seu filho, Armand Bérard, já citado.

Certamente uma reposta ao tempo (aos impactos enormes da Grande Guerra e da Modernidade), tanto o trabalho de Bérard e o reconhecimento do Mediterrâneo de Odisseu no século XX, quanto o trabalho de Braudel e o reconhecimento do Mediterrâneo de Felipe II revelam um ambiente cultural em que os conceitos de longa duração e de permanência não apenas serviam bem enquanto operadores heurísticos. Eles revelam um ambiente que se formou também a partir deles, ou em outras palavras, um momento da cultura que se constituiu enquanto um momento específico a partir, dentre outras motivações, dessas formulações.

É comum observar a atenção por parte dos comentaristas ao peso que as ciências sociais exerceram na reformulação do tempo da história, sobretudo da história pensada pela Escola dos Annales, sendo, ao mesmo tempo, comum encontrar comentários sobre a influência ainda de outras ciências, tais como a própria geografia e a economia.

O tempo de Braudel, é verdade, não é o tempo dos cientistas sociais, é o tempo do historiador, como próprio autor reivindica no artigo *La Longue Durée*. Mas o diálogo com as ciências sociais sempre foi muito mais explorado para se entender o pensamento de Braudel.

Entender distintos diálogos e alguns percursos mais inusitados das ideias pode ajudar a complexificar o cenário, aproximando-nos um pouco mais do quadro em que aparece a *nova história*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BÉRARD, Victor. *Les Phéniciens et l'Odyssee*. Paris: Librairie Armand Colin, 1927.

_____. *La Résurrection d'Homère*. Paris: B. Grasset, 1930.

_____. *Les Navigations d'Ulysse*. 4v. Paris: Librairie Armand Colin, 1971.

_____. *Dans le Sillage d'Ulysse, Album Odyséen (photographies por Frédéric Boissonas)*. Paris: Librairie Armand Colin, 1973.

BRAUDEL, Fernand. *Histoire et Sciences sociales: La longue durée*. In: Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 13e année, N. 4, 1958. pp. 725-753.

_____. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Tome I. Paris: A. Colin, 1985.

_____. *La Méditerranée: l'Espace et l'Histoire*. Paris: Flammarion, 1985.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: Dos "Annales" à Nova História*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Ensaio (1992 [1987]).

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éd. du Seuil, 1982.

POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984.

RABAU, Sophie. "Contributions à l'étude du complexe de Victor Bérard: sur une lecture référentielle de l'Odysée", pronunciada em 2003. Disponível em: www.fabula.org. Acesso em: 27 e 28 de junho, 2013.

REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo historico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *Tempo, história e evasão*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RIBEIRO, Guilherme. A originalidade historiográfica de La méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II e a concepção braudeliana de história. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, MG. Número 04, março, 2010. p.125-144.